

ALIENAÇÃO: MARX X HEGEL

Constança Marcondes Cesar

O núcleo da crítica de Marx à dialética hegeliana pode ser encontrado nos **Manuscritos Econômico – Filosóficos**, em torno da idéia de **alienação**.

Nesse texto, Marx critica o conceito tal como é exposto na **Fenomenologia do Espírito**, a partir do seu próprio conceito de alienação.

Para Hegel, a questão aparece, pela primeira vez, com o sentido de ruptura entre o sujeito cognoscente e o mundo, enquanto **objeto** de pensamento; “A apropriação das forças essenciais humanas (...) é uma apropriação que se passa apenas na consciência”¹. “**A alienação da auto-consciência põe a coisidade**”².

A superação desta alienação, Hegel a propõe como o reconhecimento da mesma e como a superação da objetividade, isto é, a afirmação da não-objetividade do real ou seja, a redução do objeto a objeto pensado, o que implica o reconhecimento de que “o objeto é apenas a **aparência** de um objeto (...) pois em seu ser não é outra coisa senão o próprio saber (...) algo que não tem **nenhuma** objetividade fora do saber”³.

O segundo momento da alienação reconhecida por Hegel é a alienação que consiste em opor o sujeito pensante humano ao sujeito que se conhece como autoconsciência absoluta: Deus, o Espírito Absoluto. A superação desta alienação consiste, para o filósofo, no reconhecimento da identidade entre o homem, o mundo e o espírito absoluto; “(...) esse movimento de (...) **auto-objetivação** é a **exteriorização absoluta da vida humana** (...). Em sua forma abstrata (...) como dialética, esse movimento (...), esta vida é considerada como **processo divino** (...) um processo que perfaz a própria essência do homem distinta dele, abstrata, pura, absoluta (...) este processo deve ter um portador (...) o Deus, o **Espírito Absoluto, a idéia que se conhece e atua**. O homem efetivo e a natureza convertem-se em predicados, em símbolos (...)”⁴, desse sujeito absoluto.

A crítica de Marx a Hegel faz-se em dois níveis: ao nível da ruptura epistemológica, percebida por Hegel, entre sujeito e objeto, e ao nível da ruptura aparente entre Espírito Absoluto e homem-mundo. O núcleo dessa crítica gira em torno do significado da palavra **alienação**, que, para Marx, passa a significar a redução do real objetivo a um modo do pensar ou seja, a redução do ser ao pensar, do real ao racional. Postulando a irredutibilidade entre ser e pensar, Marx aponta os erros da dialética hege-

liana. O primeiro erro consistiu na negação hegeliana da distinção entre sujeito e objeto: “o ser objetivo cria e põe apenas **objetos**, porque ele próprio é posto por objetos, porque é originariamente **natureza**. No ato de pôr não cai, pois, de sua atividade pura em uma **criação do objeto** (...) o homem é imediatamente **ser natural** (...) corpóreo, sensível, objetivo, é um ser que *padece** (...) isto é, os **objetos** de seus instintos existem exteriormente, como objetos independentes dele (...)”⁵.

E Marx reafirma a existência real do mundo extra pensamento, referindo-se à **fome** e à necessidade de um **objeto**, fora do nosso existir como sujeitos, para poder saciá-la⁶. E mais: diz-nos que “um ser que não tem nenhum objeto fora de si não é um ser objetivo”, nem um ser natural, não faz parte de um mundo; “um ser não objetivo é um não-ser”⁷. Ou seja, um ser, sem **welt** é impensável, como diria a fenomenologia atual. O homem é um ser-no-mundo e esta, sua condição irrecusável.

O segundo erro de Hegel, para Marx, consistiu na confirmação da alienação, no reduzir a vida verdadeiramente humana a um processo do sujeito absoluto. Ora, o verdadeiro saber, para Marx, é o humanismo, que “(...) se distingue tanto do idealismo como do materialismo (...)”⁸. Este humanismo reconhece o homem como um ser objetivo, sensível, capaz de sofrer o impacto do mundo e de ter consciência, isto é, de fazer história: “o homem (...) não é apenas ser natural, mas ser natural **humano**, isto é, um ser que é para si próprio e (...) que enquanto tal deve atuar e confirmar-se tanto em seu ser como em seu saber”⁹.

Superar a ruptura sujeito-objeto não consiste, portanto, para Marx, em reduzir o objeto a objeto pensado, mas em fazer do mundo o lugar onde o homem se realiza como ser histórico, isto é, onde o homem acontece como ser consciente, capaz de interpretar e transformar o mundo.

Em suma: alienação significa, pois, em Hegel, ruptura aparente, desdobramento do Espírito que busca o saber absoluto; alienação, para Marx, tem significado mais forte, de ruptura real, na consideração de aspectos do ser que não podem ser dissociados; e, mais ainda, alienação, em Marx, quer dizer erro, equívoco na apreciação da verdadeira face do real.

A vigência da crítica de Marx à dialética hegeliana pode ser apontada na epistemologia contemporânea, na qual se postula a distinção real entre sujeito e objeto, mesmo em correntes como a fenomenologia e o idealismo crítico. A irredutibilidade entre sujeito e objeto é aceita por todas as escolas de pensamento contemporâneo. Assim, o interesse da dialética hegeliana e do conceito hegeliano de alienação é, hoje, apenas histórico.

Marx, entretanto, pode ser discutido em diversos níveis: sua redução do homem a um ser **originariamente** natural é questionável, bem como sua redução da objetividade à materialidade. Fica, ainda, em aberto,

a possibilidade de uma releitura de Hegel a partir da metafísica heideggeriana, que obrigaria a repensar a contribuição do romantismo para a filosofia atual e para a noção de apocalidade do ser.

NOTAS:

(1) Marx, **Manuscritos Econômico-Filosóficos**, São Paulo, Abril Cultural, Col. **Os Pensadores**, 1974, p. 42.

(2) id., id., p. 45.

(3) id., id., p. 48.

(4) id., id., p. 51.

(*) Marx toma a palavra **padece** no sentido grego de **pathos**, sofrer a ação de outrem.

(5) id., id., p. 46.

(6) id., ib.

(7) id., ib., p. 47.

(8) id., ib., p. 46.

(9) id., ib., p. 47.